

uma serenidade indescritivel :—São uns sabios. Se os zurzi, êles tambem me maltrataram de veras !

Convivemos com o poeta durante o curtissimo periodo que vai de 1889 até que em 11 de janeiro de 1896 se lhe abriram as portas da eterna morada.

Antes da hora da partida para a grande viagem, já aquelle grande coração não alimentava a mais leve animosidade contra os que tentaram fulminar com os raios da sua sciencia a melhor produção do seu fecundo espirito.

Sobre o sarcophago que encerra uma das glorias da nossa Patria vão, junto com as saudades de fervoroso discipulo, as nossas modestas palavras de louvor á sua grande obra.

A vida intima de João de Deus decorria placida e tranquila como reflexo da sua alma infinitamente simples e boa.

Lembra-nos que, numa tarde, uma gentil filha do auctor das Flores do Campo procurou-o no seu gabinete de trabalho pedindo-lhe dinheiro para o governo da casa e êle, observando-lhe com a mais candida das admirações se já se tinha gasto todo o dinheiro que dera na vespera, teve estas belas palavras para a sua estremosa esposa, a continuadora religiosa da sua grande obra, que tendo chegado, ia explicando como se havia despendido :

— Não, não quero contas contigo porque, se não, ainda te fico devendo dinheiro. Toma lá o que pedes.

João de Deus foi um bom. Na sua grande alma encontravam éco as dores e as maguas de todos e, quantas vezes, se lhe despertava tanto no intimo a filantropia, que dava por bem fazer o que para si precisava...

E morreu !

Mas sobre o seu tumulo vicejarão eternamente as saudades dos seus discipulos, dos seus amigos e admiradores, envoltas nas benções duma geração inteira que da sua obra encheu de luz o espirito.

PROF. MANOEL ESTEVES CANILHO.

Certa voz na noite, ruivamente . . .

Esquivo sortilegio o dessa voz, opiada
Em sons cor de amaranto ás noites de incerteza,
Que eu lembro não sei d'Onde — a voz duma Princeza
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeadá;
E bebada de si, arfante de Beleza
Acera os seios nus, descobre o sexo . . . Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi mesmo em visão. Sómente
A sua voz a fulera ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

E' só de voz-em-cio a bailadeira astral —
E nessa voz-estátua, ah! nessa voz -total
E' que eu sonho esvaír-me em vícios de marfim...

31 janeiro — Lisboa, 1914.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

O THEATRO

Não foi descurado pelo Governo Provisorio da Republica Portuguesa este assunto, de importancia capital no plano educativo das sociedades cultas; mas, não logrou levar a efeito o seu elevado intuito patriótico em todo o esplendor empolgante de uma completa e perfeita remodelação.

Porquê? Eu filio a cabida responsabilidade na mais do que irrisoria dirigencia orientativa «burocratica», em que tem tido suposta solução, entre nós, no que se relaciona com os problemas da Arte.

Como havia o país do ocidente europeu de libertar-se de um analfabetismo, de veredas tortuosas, regressivas a estados primitivos de selvagismo, se ninguem pensava com clara consciencia na eficacia de reformas sensatas, na vida economica e moral da nacionalidade?!

A Arte carece, para proficuo desempenho da sua missão nobilissima, a exercer-se directamente no coração do povo, de que este haja sido previamente preparado por uma cultura elementar proporcionada.

Em tudo se afirmava formal decadencia, antilogica e extraordinaria indiferença ou insensatez de governos rotativistas, que apenas se preocupavam com interesses politicos muito pessoas, e simples cortesia banal quando, por acaso, alguém preconisava o valor intrinseco de incidencias e sugestões que formassem o character e levantassem o individuo!

Chegou entretanto a desabrir-se o poder, de tal feitio, de concerto sério, capaz de continuidade honrosa que, simultaneamente, coincidiu esse despêjo afrontoso e intoleravel com o irradiar da idea emancipante que viesse, um dia, a significar, na terra portuguesa, a tão apregoada «via nova», desde aquele famoso ano de 1880, que viu em Portugal a celebração ardentemente entusiastica da mais empolgante solenidade centenaria, até agora realisada n'este berço de Camões!

Similhante idéa-luz, brilhou assim, avultou com certas intermitencias, alguma vez pareceu esmorecida por pesadas sombras; mas, refeita e intensificada, expandiu-se afinal com energia propria e com plena autenticidade predominante!

Temol-a, portanto, em toda a periferia verticavel do nosso horisonte.

Será já o bastante?

Resta ainda o genuino inicio da verdadeira e saluberrima obra,—aludo á instrução educativa.

Só lhe caberá o legitimo registo, quando homens e cousas se intégrem, por tendencias de simpatia voluntaria, na mesma esfera de exemplificações de civismo pratico e de reciprocos sacrificios ao progresso geral, em adequado campo de autonomia pundonorosa.

Ha que banir das colunas da imprensa o